

MARIA NEPOMUCENO



1

1. Ação com a bola *AMOR* na tribo Hunikuin, Aldeia Centro de Memória São Joaquim, Acre, 2012

2. Rede presenteada ao povo Hunikuin, Aldeia Centro de Memória São Joaquim, Acre, 2012

Adriano Pedrosa **Seu trabalho é próximo de uma tradição carioca de arte contemporânea, que vai de Lygia Clark a Tunga e Ernesto Neto.**

Maria Nepomuceno Eles são realmente importantes para meu trabalho, mas poderia citar outros: Hélio Oiticica, Celeida Tostes e Lygia Pape. Porém, esses são apenas alguns dos muitos artistas que me influenciam. O resultado de meu trabalho é em parte reflexo da convivência e possibilidade de transição entre a cultura urbana e a natureza que temos no Rio. As esculturas evocam a natureza em várias formas: plantas, troncos, raízes, frutos, pedras, animais, tentáculos, a paisagem, o corpo humano, o sistema circulatório, o feminino e o masculino, o micro e o macrocosmos. A cultura carnavalesca da cidade está nos materiais que uso; muito é comprado no Saara, centro atacadista do Rio onde as escolas de samba compram seus materiais. Essa influência é estética, mas está também na coexistência das forças de tensão e relaxamento da obra, na miscigenação de materiais, alguns comuns, já usados; outros novos, brilhantes e industriais; outros ainda artesanais, orgânicos; todos for-

mando um só corpo e fluxo de energia, mistura de ordem e caos, como num bloco de rua.

Parece haver um interesse tanto no corpo e no artesanato, quanto na geometria e na matemática.

Meu trabalho fala diretamente ao corpo. Criei uma imagem ficcional em que o espectador é hipnotizado pela obra e através do movimento em espiral é sugado por suas bocas. Há uma circulação, como na seiva da planta. O movimento em espiral cria uma alternância constante de expansão e contração, fazendo a obra pulsar. Através de seus tentáculos e bocas, a obra emana ondas de energia, e espera captar o mesmo do espectador. Existe uma relação de sedução e troca entre a obra e o espectador. Os repetidos elementos geométricos são base para a construção da tridimensionalidade e carregados de sentido simbólico. As contas de colar são o ponto, a unidade mínima, esferas penetráveis, objetos relacionados ao feminino simbolizando óvulos, células e unidades orgânicas que se multiplicam infinitamente. A corda é a linha e representa a força bruta, a resistência e o próprio cordão umbilical conectando o interior ao exterior. Contas



2

e cordas, ou pontos e linhas, costuradas manualmente constroem planos e volumes numa lógica matemática encarnada em matéria macia.

E seu interesse pela cultura indígena?

Tenho um fascínio pela cultura indígena desde adolescente. Meu tio pintava índios, seu tema favorito. Minha bisavó era índia e essa origem o atraía. Ele me incentivou desde cedo a fazer arte e quando eu tinha uns 10 anos já pintava. Quando meu tio morreu, eu tinha 14 anos e recebi como herança seus livros de arte e material de pintura, além de uns sessenta postais com imagens de índios brasileiros em cenas cotidianas: mulheres cozinhando, fazendo cerâmica, trançando cestas, fiando linha, homens caçando, pescando ou celebrando com adereços e pinturas na pele. Essas imagens sempre povoaram meu imaginário. Em 2007, comecei a introduzir objetos da cultura indígena nas esculturas, buscando uma relação direta com a natureza. Gosto da ideia de que folhas de árvores secas e trançadas viram um objeto como uma cesta; do mesmo modo que a terra e a água cozidas viram potes de cerâmica. Nessa época, fiz minha

primeira rede, esse que é o objeto mais importante dos índios da América Latina, segundo o antropólogo Câmara Cascudo. A rede de dormir reúne as forças centrais de meu trabalho: tensão, relaxamento, movimento e afeto.

Em 2012, fui à tribo dos Huni Kuin no Acre para ver de perto um povo em que a cultura e a natureza permanecem indissociáveis e em que o coletivo se sobrepõe ao individual – o oposto da arte contemporânea, na qual se busca a singularidade. Levei uma de minhas redes para promover o retorno do objeto às suas origens e para ver a reação das pessoas em contato com um objeto tão familiar, mas muito diferente do que eles produzem. Também levei *Bola AMOR* (2003) para a aldeia, criando uma nova forma de interação com a bola, em que, através de nove válvulas, os participantes enchem a bola com seus fôlegos, numa espécie de ritual, e depois brincam e interagem com o objeto, espontaneamente.

3. Sem título, 2010 palha trançada, contas, fibra de vidro e resina 350 x 300 x 400 cm

4. Sem título, 2010 cordões e contas 380 x 100 x 150 cm

5. Sem título, 2009 palha trançada, contas e fibra de vidro 130 x 100 x 180 cm

6. Sem título, 2010 cordas, contas, tecido, fibra de vidro e resina 350 x 450 x 70 cm



3



5



4



6